



SEÇÃO ENTREVISTA

INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: perspectivas atuais

MARÍLIA COSTA MOROSINI

A Edição Especial Temática Estudos sobre Universidade da Revista **Eventos Pedagógicos** foi organizada pelo Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU) e objetiva divulgar pesquisas, reflexões e debates sobre a Educação Superior, e foi, desenvolvida por orientandas e ex-orientandas da Prof.^a Dr.^a Maria Estela Dal Pai Franco. Trata-se de uma homenagem a referida orientadora.

Como já referendado na apresentação e na introdução deste número a professora Maria Estela, há vários anos dedica-se a pesquisas e projetos tendo como objeto de estudo a Educação Superior/Universidade, e sua escolha como homenageada se deve ao compromisso e preocupação que demonstra em relação à qualidade deste nível da Educação.

O GEU, cujo grupo a Prof.^a Maria Estela atua incansavelmente, tem como finalidade precípua analisar os sistemas de Educação Superior e suas transformações, assim como suas políticas de ciência e tecnologia, na perspectiva de seu desenvolvimento institucional e suas interrelações com política da Educação Básica. Atualmente, o GEU é uma rede consolidada de pesquisa e sua trajetória acompanha a dinâmica da Educação Superior com toda sua complexidade e seus paradoxos, no Brasil e no cenário internacional.

É imprescindível ressaltar a pertinência da temática desta entrevista realizada com a Prof.^a Dr.^a Marília Costa Morosini (uma das ex-orientandas da homenageada), indicando que em momentos de internacionalização da Educação Superior, nada mais adequado do que promover reflexões profundas e de excelência acadêmica, com vistas à socialização do conhecimento produzido nos grupos de estudos e pesquisas brasileiros.

Biografia

Possui licenciatura e bacharelado em Ciências Sociais, mestrado em Sociologia Educacional e doutorado em Educação pela UFRGS e pós-doutorado no LILLAS/Universidade do Texas. Coordenadora do Centro de Estudos em Educação Superior (CEES) da PUCRS; da Rede Sulbrasileira de Investigadores da Educação Superior (RIES); Núcleo de Excelência em C,T&I, CNPq/ FAPERGS/PRONEX; do Observatório de Educação Indicadores de Qualidade do Ensino Superior (CAPES/INEP) e da rede UNIVERSITAS ligada ao GT Política de Educação Superior/ANPED e do programa conjunto de pesquisa CAPES/UTEXAS Qualidade na Educação Superior. Coordenadora e membro do Comitê Assessor da Cooperação Internacional FAPERGS. Membro da European Association of Institutional Research (EAIR). Membro da Rede de Investigadores da Educação Superior México (RISEU). Membro da American Association of Institutional Research (AAIR). Membro da Latin American Studies Association (LASA). Membro representante da área de Ciências Humanas da CTAA/ INEP/ MEC; bolsista produtividade 1A do CNPq, integra o CA-Ad Hoc de Educação da CAPES. É professora aposentada da UFRGS, foi diretora da Faculdade de Educação da PUCRS e Coordenadora do PPGEDu. Sua produção atual está voltada a estados de conhecimento destacando-se a Enciclopédia de Pedagogia Universitária, o Glossário de Pedagogia Universitária e a Enciclopédia Internacional de Educação Superior para os Países de Língua Portuguesa. Tem experiência na área de Fundamentos da Educação, atuando em: Educação Superior, Ensino Superior, Formação de Professores, Internacionalização da Educação Superior, Diversidade e Equidade na Educação Superior.

Cristina Zanettini Ribeiro
Egeslaine de Nez

1 - Comente rapidamente sobre sua trajetória como professora e pesquisadora na área da Educação Superior.

Primeiro agradeço o interesse por me ouvir. Sei que basicamente a escolha é por que sou uma 'cria' da professora Maria Estela Dal Pai Franco. Eu fui sua primeira orientanda de doutorado e durante a trajetória nós nos tornamos muito amigas, quase irmãs como costumamos brincar e temos trabalhado em pesquisas, apresentado trabalhos em congressos, participado de bancas, enfim, pode-se dizer que somos parceiras! Eu devo muito a Maria Estela por todo o processo de formação. Eu era uma professora de ensino, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e a Maria Estela me abriu as portas da pesquisa científica, do desafio de estar na Universidade Federal do Rio

Grande do Sul que ponteava uma universidade de excelência que, obviamente, ainda é uma das melhores do país. Essa minha trajetória inicia primeiro como professora normalista, depois como professora da graduação e ela tem uma mudança significativa quando inicio o doutorado. Acho que este é um momento bastante importante, porque nós temos que entrar no contexto da década de 70, em que pouquíssimas pessoas faziam doutorado, porque a carreira acadêmica não premiava isso. A UFRGS tinha ‘feudos’ de pesquisa, mas a grande maioria eram professores de sala de aula, ou seja, aquilo que poderíamos chamar de modelo neonapoleônico. Na minha ida para fazer o doutorado, as pessoas me perguntavam por que iria fazê-lo, pois se nem para lecionar na Pós-Graduação precisava naquele momento. Mas eu tinha toda uma curiosidade científica que me movia. Assim, começo o doutorado com a Maria Estela e a partir daí tenho uma nítida noção de que um novo modelo de pensamento universitário se abriu. Depois fui galgando outros postos, principalmente na área da pesquisa e não na área administrativa. Eu sempre tive uma preferência pela área da pesquisa. Me aposento e começo a trabalhar na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), que era basicamente ‘atravessar o riacho’, como costumávamos dizer e aqui, encontro um *locus* propício ao desenvolvimento da pesquisa. Na PUCRS, o desenvolvimento da pesquisa começa depois da UFRGS, a partir de uma mudança de reitoria e de alguns pró-reitores muito conhecedores do campo das ciências. Assim, inicia esse galgar como universidade de excelência. Com esse *locus* propício, eu assumo como diretora, depois como coordenadora da pós-graduação em Educação e, com muito orgulho, eu posso dizer que na minha coordenação o programa obteve duas notas 6 seguidas, ou seja, nós éramos o único programa 6 de Porto Alegre. Vou trabalhando em pesquisa, montando redes e, em ser um programa 6, fui muito desafiada a internacionalizá-lo. Posso dizer que hoje a minha principal atividade seja no nível não só de pensar teoricamente sobre internacionalização, mas muito no nível de formar e praticar a internacionalização. Essa é um pouco da minha trajetória...

2 - Qual a importância da Internacionalização da Educação Superior?

A universidade sempre teve a internacionalização como seu mote. Clark dizia que a era do ouro seria a era onde o conhecimento produzido correria livremente entre todos os cantos do mundo. Sabemos que não é bem assim essa relação hoje! A internacionalização mudou sua característica e muda muito com o processo de globalização e com a dita ‘sociedade do conhecimento’. Ela vem amarrada a algumas características principais da Educação Superior. Só para lembrar na década de 90, se inicia a possibilidade da circulação de diplomas e títulos e se começa a trabalhar a questão da transnacionalização. Nós temos

duas posturas clássicas: uma predominante, que vem também marcando meus estudos, que é sobre a qualidade da Educação Superior. Para circular tipos de diplomas, eu preciso de critérios de qualidade; para ter critérios de qualidade e para poder aferir esses critérios eu preciso da avaliação. Então essas três colocações caminham juntas. A primeira postura que eu me referi nós chamamos de qualidade da Educação Superior isomórfica, que é uma postura que podemos dizer de modelo único. Eu já escrevi muito sobre isso em textos (2001, 2009) e mais recente em 2014 em um artigo que mostra a caminhada desta qualidade da Educação Superior que se faz amarrada ao processo de internacionalização. Explicando um pouco melhor, a qualidade isomórfica é aquela qualidade universal de modelo único, que vem amarrada por *standarts* universais dos *rankings*. Quem defende essa qualidade? Ela é a mais forte, obviamente. Quem defende essa qualidade é a concepção de transnacionalização e de Educação Superior como mercadoria, e não como bem público, e aí temos duas grandes diferenças. Primeira, a Educação Superior como mercadoria: se é mercadoria, dá lucro, é gerida pela Organização Mundial do Comércio e precisa de critérios muito claros de qualidade, para que eu possa circular o conhecimento e circular os títulos e diplomas. Nessa concepção - qual o bojo disso, palavra que a Maria Estela gosta muito - o que está no bojo desta questão é a necessidade de superar a questão do Estado-nação. O Estado-nação é soberano, então ela teria que respeitar os princípios daquele estado de dizer o que é qualidade na educação. Mas, no momento, organismos multilaterais como UNESCO, OCDE, Banco Mundial, FMI, e muitos outros, tentam imprimir seus conceitos de qualidade como critério do processo de transnacionalização, que em última análise é a livre circulação do conhecimento não estando restrito ao estado-nação. A segunda postura da internacionalização é a postura da qualidade com equidade, ou seja, não busca a transnacionalização, e sim, o respeito ao local, à história de cada instituição. No conceito de equidade, se partia e ainda é muito considerado o conceito da OCDE, que dizia tratar diferentes de forma diferente. Ou seja, nós vamos ter medidas democratizantes de acesso e de permanência, mas hoje existe um aprofundamento deste conceito, muito na linha de Formichella (2014), que caracteriza a equidade como um conceito não unívoco, associada à ideia de igualdade. Essa é a diferença: “representa a igualdade entre os indivíduos em algum atributo. E a capacidade de uma pessoa se define como as distintas combinações de funções que esta pode chegar a alcançar” (p. 7). Ou seja, não adianta somente o acesso do jovem, não adianta medidas de persistência com Bolsa Família, Bolsa Alimento, PROUNI, mas, é importante que todas essas políticas e medidas propiciem ao graduando, ao formar-se, a igualdade daquele atributo. Mas o que realmente garante que o indivíduo não vai ser considerado um indivíduo de segunda linha? Que não vai

estar dentro da sala de aula onde o professor olha para ele e diz que não vai investir naquele indivíduo porque não vale a pena, ele não vai conseguir! Então, o Formichella cita Lopes: “la idea de equidad aparece como un proyecto político de búsqueda de la igualdad a partir del reconocimiento de las desigualdades iniciales. La propuesta de equidad en la educación es una propuesta doblemente política, pues por un lado implica la definición de un proyecto político de búsqueda de igualdad, y por el otro nos obliga a tomar posición acerca de qué igualdad debe ser definida como fundamental en el campo educativo” (LOPEZ, [s/d.], p. 69). Nesta discussão da equidade, outro autor, o Morduchowicz (2004) esclarece que tem que ser estabelecidas condições e comprometidos recursos materiais e não materiais. Nesta discussão da equidade, tenho dois grandes modelos na internacionalização. São modelos de ver o mundo que se refletem na internacionalização e na Educação Superior. Sem sombra de dúvida, é um constructo maior e nós, da RIES, estamos desenvolvendo um projeto de pesquisa que está sendo muito difícil de ser construído, onde trabalhamos com conceitos emergentes. O que eu quero dizer é que entre uma concepção de universidade tradicional, paternalista, neonapoleônica e uma universidade do século XXI, voltada ao mercado, à competitividade, à eficiência, à eficácia, nós temos um estado de transição que é muito uma postura latino-americana que, segundo Didriksson (2008), é um “estado de mutação que se encontra em todas as partes e tem pontos de contato, de domínio e de diferenciação, mas como se trata de uma transição histórica de longo prazo, se apresenta muito complexo e congregador de forças que chegam de todos os lados e têm efeitos e causas desiguais entre o que está determinado e o que está surgindo” (p. 5). Ou seja, estamos em um momento que o predomínio ainda é do isomórfico, o predomínio ainda é do processo de internacionalização com grande tendência àquela internacionalização sul-norte, ou seja, onde nós vamos estudar abaixo do Equador, nós vamos estudar no EUA, Canadá, países desenvolvidos da Europa e talvez na Austrália. Esses são nossos *locus*. Uma vez que nós vamos nos formar lá, nós consumimos os livros, a cultura, nós fazemos nossas redes de pesquisa com esses países, é isso é predominante. Mas, nesse momento de transição, eu tenho outra concepção de internacionalização que é chamada de concepção horizontal, ou seja, dos quais a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) é um exemplo, quase que um intercâmbio, [por meio] da formação de uma rede no nível dos países de características iguais. Se olharmos a composição da CPLP, nós temos Portugal que, vamos dizer assim, não é um dos mais desenvolvidos da União Europeia, está na periferia; nós temos o Brasil, com grandes diferenças internas, e outros países que fazem parte como: Timor Leste, Cabo Verde, o qual tenho um orientando. Todos precisam muito da solidariedade, da troca, da formação de recursos humanos, da própria ajuda da CAPES,

porque a postura deles em relação ao processo de internacionalização é uma postura quase de submissão. Então, nessa transição, neste contexto emergente, eu tenho o predomínio da relação norte-sul, mas tenho alguns exemplos de posturas de solidariedade, de cooperação internacional-horizontaL. Retomando o que eu estava colocando, estes contextos emergentes, na minha perspectiva, explicam o momento atual. Voltando para o Brasil, estou analisando alguns dados do ENADE do ano passado, ou seja, 177 mil graduandos das áreas da Saúde, das Tecnologias e da Agronomia. O que verificamos é que o indivíduo que vai fazer o processo de internacionalização é basicamente aquele protótipo: ele é branco, solteiro, brasileiro, o pai e a mãe têm um percentual muito grande de formação na Educação Superior, inclusive existem pós-graduandos, a mãe tem um nível mais alto de Educação Superior, a grande maioria não trabalha e tem seus estudos pagos pela família ou, se trabalha, continua tendo o sustento da família; a grande maioria advém de uma família que já teve pessoas formadas, ou seja, ele não é o primeiro filho que está ascendendo; a grande maioria é da região sudeste, estudantes de universidades públicas. Essa é a maioria, ou seja, é a presença das elites nas instituições universitárias. Mas eu também tenho muito forte outro nicho, que indicam os contextos emergentes e resultados de políticas democratizantes. Eu tenho significativo número de alunos que são pardos, poucos são casados ou com família, todos brasileiros - pois estou falando dos que fizeram intercâmbio -, alguns a família tem Ensino Fundamental com percentuais significativos, ou seja, eu tenho outro grupo dentro da universidade que foi fazer a internacionalização. Então não posso mais falar em um único modelo universitário, no caso do Brasil, ou de um único tipo de aluno. As políticas democratizantes, embora muito frágeis ainda, relacionadas com a própria expansão da Educação Superior na disseminação de inúmeras universidades federais e do crescimento do setor público, estão trazendo um outro tipo de estudante, de professor, de estrutura, uma nova arquitetura acadêmica, e isso interfere neste processo. Então, seguindo uma agenda dos organismos multilaterais, eu vejo isso como importante. Não posso ficar alijada do conhecimento dos países, digamos, mais desenvolvidos, com maior nível de conhecimento. Isto é inclusive uma questão de ocupação de espaço. Se eu não tenho a mesma linguagem de conhecimento para discutir, eu perco inúmeras oportunidades, meu país não vai para frente, vou depender da importação da ciência e tecnologia, vou comprar pacotes prontos. Eu preciso deste conhecimento sem sombra de dúvida! Por isso, a própria CAPES teve largo investimento em qualificação de professores por um grande período. No início do processo de internacionalização na década de 70, durante o período da ditadura, houve todo um processo de enviar os professores para boas universidades no exterior. Isso fica muito claro. A volta

destes professores alavancou o desenvolvimento brasileiro. Talvez não nos moldes que algumas pessoas gostariam que fosse, mas esta qualificação deste corpo no exterior foi muito importante.

3 - Qual a atual situação da Educação Superior brasileira em relação à internacionalização?

Brasil e internacionalização: o que a gente pode dizer? Em primeiro lugar: retomando um pouco, há uma fase muito inicial que caracteriza o Brasil colônia até a década de 30, a internacionalização não era fomentada pelo governo, absolutamente, não era este o objetivo. Era muito familiar: indivíduo, filho de uma família tradicional, ia estudar Medicina em Montpellier ou Direito em Coimbra, mais para dar um brilho no nome do que qualquer coisa. A situação social-econômica já estava dada. Em 1931, teve a criação da primeira universidade do Brasil, e em teoria, universitário faz pesquisa. Assim, nessa década, fragilmente, começa um processo de internacionalização - talvez naquelas áreas mais básicas como Física e Medicina. É realmente a partir da reforma de 68 que se parte para compreender que a pesquisa e a qualificação são necessárias. Então, temos os planos nacionais de pós-graduação e pesquisa, universos que fomentam a saída para o exterior para a qualificação desse professorado e deste pesquisador. Este estado intermitente, ora tem um fluxo mais forte, ora mais fraco: tem um determinado momento que o fomento da internacionalização quase que desaparece, porque se parte do princípio de que já formamos um corpo de professores doutores e mestres suficiente para Programas de Pós-graduação. Realmente, é na década de 90, a partir de 1995, que começa o processo de internacionalização mundial com todas as colocações que eu fiz anteriormente: educação como bem público ou como serviço. Educação como serviço implica na transnacionalização. É aqui também que se dividem as funções pesquisa e ensino. A internacionalização da pesquisa é relativamente fácil, em termos. A internacionalização do ensino é difícil, porque implica no reconhecimento de créditos, de disciplinas, de currículos, e nossos currículos são totalmente do período da colônia. Se nem aqui nós conseguimos fazer um transito rápido de um aluno que fez Medicina no norte (e vem para o sul), imagina então estas questões na América Latina. É aquela concepção de sociedade e conhecimento que está por baixo. A sociedade do conhecimento precisa da transnacionalização, o bem maior é o conhecimento, este conhecimento é adquirido em universidades, e tenho que fazer circular este conhecimento. Então, aqui é que se desenvolvem os contextos emergentes e um modelo universitário do século XXI (neoliberal), e a não existência de um tipo único e de uma concepção única, mas a forte presença do isomorfismo pelo processo de transnacionalização. Em que momento o Brasil está? Agora é o

momento onde o dinheiro está na Capes e não no CNPq, estou sendo muito sincera. O CNPq tem toda uma hierarquia de professor pesquisador, mas o recurso está na CAPES. A CAPES, como todo mundo sabe, hoje atende dois setores: a Educação Superior, que sempre atendeu, que é o *filet mignon* e a Educação Básica, que ganhou de presente, porque em sendo sistema, tem que se trabalhar os dois juntos. A CAPES, pode-se dizer que tem muito mais poder que o MEC, porque está com todo o sistema na mão e com o dinheiro. O que se tem hoje? Hoje nós temos um novo banho de internacionalização, focado não só na Pós-graduação, mas também na graduação. Diárias determinadas, por exemplo, no Programa Ciências Sem Fronteiras. Este programa, do qual eu sou favorável, enfrenta muitas dificuldades, mas porque o nosso alunado não fala inglês. É impossível, é incompressível que o estudante se forme sem saber falar inglês. Há de ter uma mudança. A situação hoje continua muito na questão dos pós-doutorados, porque hoje a quarta era da ciência, como se costuma trabalhar, é a era das redes, a produção da ciência em redes. Para se construir redes, a forma que se inicia muitas vezes é um professor ir fazer pós-doutorado no exterior. Esse é o panorama do hoje!

4 - Quais os impasses e os desafios da internacionalização da Educação Superior especificamente para o Brasil?

Agora, tem desafios? Tem... Os desafios não são da internacionalização, são do próprio Brasil, da questão socioeconômica, da melhoria do acesso, da questão de uma equidade. A internacionalização vai bem, está focada dentro das instituições. Há locais internacionalizados e não internacionalizados. Eu acho que é uma questão de desenvolvimento, de aplicação de cotas financeiras brasileiras na educação. É óbvio que aí voltam os dois contextos. Eu tenho que manter a internacionalização norte-sul, sul-norte, mas também tenho que buscar. E acho que isso que a CAPES está fazendo, estão formando um grupo África, vamos dizer assim. Se nós olharmos a Conferência Mundial de Educação da UNESCO, o terceiro item é a África. Não podemos esquecer mesmo tendo as condições de estudo, de viagem, as redes, não podemos esquecer que tem todo um setor de solidariedade.

5 - Palavras finais à Prof.^a Dra. Maria Estela, homenageada dessa edição...

Então, eu já retomo ao meu início. Eu fui a primeira orientanda da Maria Estela. Eu acho que ela tem um papel muito importante na ciência brasileira, sem sombra de dúvida. Não pelos anos de serviço, mas pela forma de como ela vê não só a ciência, mas o mundo. A Maria Estela tem uma característica muito importante para construção de redes, ela é agregadora, isso eu não tenho dúvidas! Busca apoiar as pessoas, ajuda, chama para integrar as

redes, características importantes neste momento da construção da quarta era da ciência. O grupo que ela coordena, Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU), tem um papel muito importante no desenvolvimento da ciência no Rio Grande do Sul.

Se nós olharmos, eu acho que isso seria importante você colocarem em um mapa, onde tem GEU, vamos dizer assim. Ela plantou essa semente: tem em Santa Maria, em Passo Fundo, em Pelotas, em Mato Grosso, ou seja, onde há orientandos, existe um grupo de pesquisa. Então, o que eu poderia dizer? Que ela é uma pessoa ímpar, humana e tem um desenvolvimento teórico muito bom e transita em algumas áreas, como a Administração e da própria Educação. Então, a interdisciplinaridade que prega, ela pratica! Eu só tenho a agradecer à Maria Estela, agradecer porque foi a minha formadora. Depois, em uma equipe, uma pessoa alimenta a outra; na discussão das teorias um alimenta o outro. No mundo acadêmico, e aí vou puxar um pouco do Bourdieu, o campo científico é muito similar ao campo econômico, e hoje o mundo inteiro tem muito mais competição do que colaboração, por todo um sistema implantado de avaliação. Se por um lado nos tem levado a aumentar os nossos níveis de produção, a buscar um trabalho mais sistemático e organizado de pesquisa, por outro também tem nos levado a uma competição acirrada, e isso, a Maria Estela não é, isso é uma coisa que eu acho que temos que deixar claro... Claro que ela é competitiva! Não vou dizer que ela não é, assim como quem vive nesse meio. Porém, procura sempre dar a mão, chamar a pessoa, integrar no grupo, e isso para construção de uma rede é extremamente importante. Todos reconhecem essa qualidade que a Maria Estela tem... Então eu gostaria de gravar aqui meus agradecimentos, pela homenagem que vocês estão fazendo, e eu acho que foi muito bom terem se lembrado dela!

REFERÊNCIAS

DIDRIKSSON, A. *et all.* Contexto Global y regional de la educación superior en América Latina y el Caribe. In: UNESCO. **La educación superior en el mercado: configuraciones emergentes nuevos proveedores.** Venezuela: IESALC/UNESCO, 2008. Disponível em: < http://200.6.99.248/~bru487cl/files/CAPITULO_01_Didriksson.pdf > . Acesso em: 02 mar. 2014.

FORMICHELLA, M. Índice de inequidad educativa básica: una propuesta de medición de la equidad educativa interna en latinoamérica. **Archivos analíticos de políticas educativas**, Tempe, AZ, v. 22, n. 1, jan. 2014.

LOPEZ, N. **Equidad educativa y desigualdad social: desafíos de la educación en el nuevo escenario latino-americano.** Instituto Internacional de Planeamiento de la Educación. IPE – UNESCO, Sede Regional Buenos Aires, [s/d].

MORDUCHOWICZ, A. **Discusiones sobre economía de la educación**. Buenos Aires: Losada, 2004.

MOROSINI, M. C. Qualidade da educação superior e contextos emergentes. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 19, n. 2, p. 385-405, jul. 2014. Disponível em: <
<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=avaliacao&page=article&op=view&path%5B%5D=1941&path%5B%5D=1732>>. Acesso em: 10 jul. 2014.